

Paulo Ernani Ramalho Carvalho

# Espécies Arbóreas Brasileiras



**Espinheira-Santa**  
*Maytenus ilicifolia*

volume

2

# Espinheira-Santa

*Maytenus ilicifolia*



Rolândia, PR (Plantio - 5 anos)





# Espinha-santa

*Maytenus ilicifolia*

## Taxonomia e Nomenclatura

De acordo com o Sistema de Classificação de Cronquist, a posição taxonômica de *Maytenus ilicifolia* obedece à seguinte hierarquia:

**Divisão:** Magnoliophyta (Angiospermae)

**Classe:** Magnoliopsida (Dicotyledoneae)

**Ordem:** Celastrales

**Família:** Celastraceae

**Gênero:** *Maytenus*

**Espécie:** *Maytenus ilicifolia* Martius ex Reissek

**Publicação:** in Martius, Fl. Bras. Mart. 11(1): 8, 1861

**Sinonímia botânica:** *Maytenus ilicifolia* Mart. ex Reiss. F. angustior Briquet; *Celastrus spinifolium* Larrañaga; *Maytenus muelleri* Schwacke.

**Nomes vulgares por Unidades da Federação:** bom-nome, na Bahia; espinheira-santa, em Goiás e no Estado do Rio de Janeiro; limãozinho, em Minas Gerais; cancorosa, cancosa, erva-

-cancrosa, erva-santa, espinheira, espinheira-santa e sombra-de-touro, no Paraná; cancerosa, cancorosa, cancosa, congorça, coromilho-do-campo, erva-cancerosa, erva-santa, espinheira-de-deus, espinheira-divina, espinheira-santa, espinho-de-deus, quebrachilho, salva-vidas e sombra-de-touro, no Rio Grande do Sul; cancorosa, cancorosa, cancosa e espinheira-santa, em Santa Catarina; sombra-de-touro, no Estado de São Paulo.

**Nomes vulgares no exterior:** na Bolívia, cancorosa e no Paraguai, cancorosa.

**Etimologia:** o nome genérico *Maytenus* provém de *maitén*, termo aborígene chileno (*mapuche*), que designa uma celastrácea arbórea do Chile (*Maytenus boaria* L.); o epíteto específico *ilicifolia* é porque a planta apresenta folhas semelhantes às do gênero *Ilex* (MARCHIORI, 1995).

O nome comum espinheira-santa refere-se às saliências pontiagudas da margem serrada pontiaguda das folhas que lembram espinhos e à sua extraordinária ação terapêutica sobre úlceras estomacais (MAGALHÃES et al., 1992).



## Descrição

**Forma biológica:** subarbusto, arvoreta ou árvore perenifólia. As árvores maiores atingem dimensões próximas de 12 m de altura e 35 cm de DAP (diâmetro à altura do peito, medido a 1,30 m do solo), na idade adulta.

**Tronco:** é liso, com fuste curto.

**Ramificação:** é dicotômica e a copa apresenta galhos angulosos, estriados e glabros.

**Casca:** com espessura de até 5 mm. A casca externa apresenta estrias longitudinais.

**Folhas:** são alternas, simples, glabras e coriáceas e apresentam nervuras proeminentes na face abaxial. A lâmina foliar mede de 22 a 89 mm de comprimento e de 11 a 30 mm de largura. O pecíolo mede de 2 a 5 mm de comprimento. A forma das folhas varia de elíptica a estreitamente elíptica, com base aguda a obtusa e ápice agudo a obtuso, mucronado ou aristado. Podem apresentar margem inteira ou com espinhos em número variável, distribuídos regular ou irregularmente na borda, geralmente concentrados na metade apical de uma ou de ambas as margens.

**Inflorescências:** apresentam-se em fascículos axilares multifloros, com 2 a 3 flores.

**Flores:** são pequenas e de pétalas oblongas, verde-amareladas, com pedicelos curtos e delgados, medindo de 1 a 2 mm de comprimento.

**Fruto:** é uma cápsula loculicida bivalvar (BARROSO et al., 1999), orbicular, de coloração vermelho-alaranjada, medindo de 6 a 10 mm de comprimento, com estilete no ápice, e com 1 a 4 sementes.

**Sementes:** são eretas, suborbiculares, elipsóides ou obovais, às vezes angulosas, envoltas inteiramente pelo arilo carnoso, de coloração branca, cobrindo toda a semente. A testa é rija, lisa e brilhante, geralmente com coloração castanha ou negra.

## Biologia Reprodutiva e Eventos Fenológicos

**Sistema sexual:** as flores dessa espécie são, aparentemente, monóclinas. Contudo, há fortes evidências de que muitas delas sejam funcionalmente diclínicas (SCHEFFER, 2001).

**Sistema reprodutivo:** essa espécie é alógama (SCHEFFLER, 2001).

**Vetor de polinização:** abelhas e diversos insetos pequenos. Contudo, observou-se a presença de pequenas vespas não identificadas e de formigas, que podem ser polinizadoras ou simples pilhadoras de néctar.

**Floração:** ocorre de agosto a setembro, no Rio Grande do Sul (BACKES; NARDINO, 1998) e de agosto a outubro, em Mato Grosso do Sul (CARVALHO-OKANO, 1992) e no Paraná.

**Frutificação:** os frutos maduros ocorrem de setembro a março, no Estado de São Paulo; de outubro a fevereiro, no Rio Grande do Sul e de dezembro a março, no Paraná (SCHEFFER; ARAÚJO, 1998).

**Dispersão de frutos e sementes:** é zoocórica, principalmente a avifauna.

## Ocorrência Natural

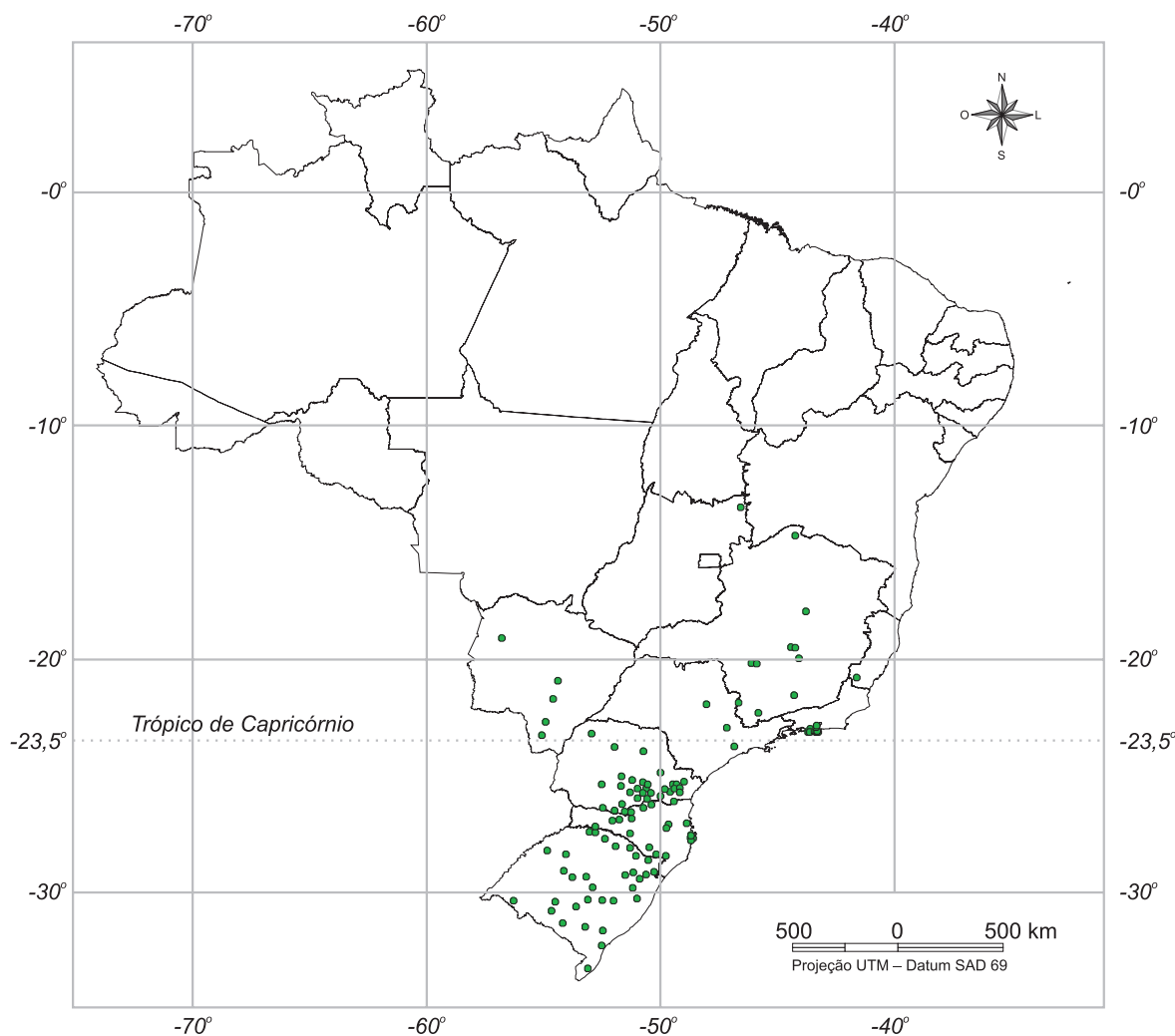
**Latitudes:** de 13° 45' S, em Goiás, a 33° 30' S, no Rio Grande do Sul.

**Variação altitudinal:** de 50 m, no Rio Grande do Sul, a 1.400 m de altitude, em Santa Catarina. Fora do Brasil, atinge até 1.700 m na Bolívia (KILLEEN et al., 1993).

**Distribuição geográfica:** *Maytenus ilicifolia* ocorre de forma natural no nordeste da Argentina (MARTINEZ-CROVETTO, 1963), na Bolívia (KILLEEN et al., 1993), no Paraguai e no Uruguai.

No Brasil, essa espécie ocorre nas seguintes Unidades da Federação (Mapa 26):

- Goiás (SILVA; SCARIOT, 2003).
- Espírito Santo (THOMAZ et al., 2000).
- Mato Grosso do Sul (CARVALHO-OKANO, 1992).
- Minas Gerais (BRANDÃO; ARAÚJO, 1992; BRANDÃO et al., 1993a; BRANDÃO et al., 1995a; BRANDÃO et al., 1996; NAPPO et al., 2000; CARVALHO, 2002; GOMIDE, 2004).
- Paraná (OCCHIONI; HASTSCHBACH, 1972; DOMBROWSKI; SCHERER NETO, 1979; CARVALHO, 1980; ROTTA, 1981; CERVI et al., 1990; GOETZKE, 1990; CARVALHO-OKANO, 1992; MAGALHÃES et al., 1992; SILVA et al., 1995; NAKAJIMA et al., 1996; LORENZI, 1998; SOUSA et al., 2000; SCHEFFER, 2001).
- Rio Grande do Sul (MATTOS, 1965; LINDMAN; FERRI, 1974; SOARES et al., 1979; REITZ et al., 1983; BRACK et al., 1985; JARENKOW, 1985; LONGHI et al., 1986; PORTO; DILLENBURG, 1986; BUENO et al., 1987; CARVALHO-OKANO, 1992; GIRARDI-DEIRO et al., 1992; JARENKOW, 1994; ROSA; ROSA, 1996; ZANATTA et al., 2000; SCHEFFER, 2001; DODE et al., 2002).



**Mapa 26.** Locais identificados de ocorrência natural de espinheira-santa (*Maytenus ilicifolia*), no Brasil.

- Estado do Rio de Janeiro (PEIXOTO et al., 2004).
- Santa Catarina (KLEIN, 1969; CROCE, 1991; CARVALHO-OKANO, 1992; SILVA et al., 1998; SCHEFFER, 2001).
- Estado de São Paulo (CARVALHO-OKANO, 1992; MAGALHÃES et al., 1991; SILVA; SOARES, 2002).

Na Bahia, a ocorrência dessa espécie é citada por vários autores (PINTO; BAUTISTA, 1990; MENDONÇA et al., 2000), mas tal citação pode tratar-se de bom-nome (*Maytenus rigida*), espécie muito próxima.

## Aspectos Ecológicos

**Grupo ecológico ou sucessional:** espécie secundária inicial (SILVA; SOARES, 2002) ou secundária tardia (PEIXOTO et al., 2004).

**Importância sociológica:** espécie característica e abundante nos capões do Planalto Sul-Brasileiro, onde é planta do interior da floresta.

É também encontrada na vegetação secundária (capoeiras), onde existe incidência moderada de luz (SOUSA et al., 2000).

## Biomass / Tipos de Vegetação (IBGE, 2004) e Outras Formações Vegetacionais

### Bioma Mata Atlântica

- Floresta Estacional Decidual (Floresta Tropical Caducifólia), nas formações Submontana e Montana, em Goiás e no Rio Grande do Sul, com frequência de até 13 indivíduos por hectare (SILVA; SCARIOT, 2003).
- Floresta Estacional Semidecidual (Floresta Tropical Subcaducifólia), nas formações Submontana e Montana, em Minas Gerais, no Paraná e no Estado de São Paulo, com frequência de um indivíduo por hectare (SILVA; SOARES, 2002).
- Floresta Ombrófila Densa (Floresta Tropical



Pluvial Atlântica), nas formações das Terras Baixas e Submontana, em Minas Gerais, no Estado do Rio de Janeiro e na Ilha de Santa Catarina (KLEIN, 1969), onde é rara.

- Floresta Ombrófila Mista (Floresta de Araucária), na subformação Montana, no Paraná e no Rio Grande do Sul, com frequência de 2 a 7 indivíduos por hectare (JARENKOW, 1985; GALVÃO et al., 1989).
- Vegetação com Influência Marinha (Restinga), no Rio Grande do Sul (PORTO; DILLENBURG, 1986).

### Bioma Pampas

- Estepe ou Campos, no Rio Grande do Sul.

### Outras formações vegetacionais

- Ambiente fluvial ou ripário, em Minas Gerais e no Paraná.

## Clima

**Precipitação pluvial média anual:** de 1.100 mm, em Mato Grosso do Sul, no Rio Grande do Sul e no Estado do Rio de Janeiro, a 2.300 mm, no Paraná.

**Regime de precipitações:** Chuvas uniformemente distribuídas, na Região Sul (excetuando-se o norte do Paraná). Periódicas, nas demais regiões.

**Deficiência hídrica:** nula, na Região Sul (excetuando-se o norte do Paraná). Pequena, no verão, no sul do Rio Grande do Sul. De pequena a moderada, no inverno, no centro e no leste do Estado de São Paulo, no sul de Minas Gerais, no sudoeste do Espírito Santo e no nordeste de Goiás.

**Temperatura média anual:** 13,2 °C (São Joaquim, SC) a 25 °C (Corumbá, MS).

**Temperatura média do mês mais frio:** 9,4 °C (São Joaquim, SC) a 21,3 °C (Rio de Janeiro, RJ).

**Temperatura média do mês mais quente:** 17,2 °C (São Joaquim, SC) a 27,2 °C (Corumbá, MS).

**Temperatura mínima absoluta:** -10,4 °C (Caçador, SC). Na relva, a temperatura mínima absoluta pode chegar até -17 °C.

**Número de geadas por ano:** médio de 0 a 30; máximo absoluto de 57 geadas, na Região Sul. Há também a possibilidade de ocorrência de neve na região de ocorrência dessa espécie, sendo que em São Joaquim, SC, neva quase todos os anos.

**Classificação Cimatológica de Koeppen:** **Aw** (tropical com verão chuvoso, com inverno seco), no Espírito Santo, em Mato Grosso do Sul e no Estado do Rio de Janeiro. **Cfa** (subtropical úmido, com verão quente), no Paraná, no Rio Grande do Sul e em Santa Catarina. **Cfb** (temperado sempre úmido, com verão suave e inverno seco, com geadas frequentes), no Paraná, no Rio Grande do Sul e em Santa Catarina. **Cwa** (subtropical, com inverno seco não-rigoroso e com verão quente e moderadamente chuvoso), no nordeste de Goiás, em Minas Gerais e no Estado de São Paulo. **Cwb** (subtropical de altitude, com verões chuvosos e invernos frios e secos), no sul de Minas Gerais.

## Solos

Ocorre, naturalmente, predominantemente, em várzeas aluviais e em beira de córregos, e em solos argilosos profundos de drenagem lenta. Em plantios, apresenta melhor crescimento em solos férteis, em solos bem drenados e com textura argilosa. Em Colombo, PR, apresentou crescimento lento em Cambissolo Húmico Álico de textura argilosa, com fertilidade química baixa (RACHWAL et al., 1997).

## Sementes

**Colheita e beneficiamento:** os frutos dessa espécie podem ser colhidos da árvore no estágio de maturação – caracterizado pela ocorrência de valvas abertas –, com coloração do pericarpo vermelho-escuro e arilo exposto (MAGALHÃES et al., 1992). Em seguida, os frutos devem ser postos à sombra, até completarem a abertura e a liberação das sementes. A extração das sementes é feita removendo-se, manualmente, o arilo (SCHEFFLER, 2001).

**Número de sementes por quilo:** 10.090, com 44% de umidade (ROSA; BARROS, 1999), a 36.496, com 6% de umidade (SANTOS et al., 1999).

**Tratamento pré-germinativo:** não é necessário.

**Longevidade e armazenamento:** as sementes da espinheira-santa são de comportamento ortodoxo com relação ao armazenamento (EIRA et al., 1995) e, quando armazenadas fora da câmara fria, perdem a viabilidade rapidamente (SCHEFFER et al., 1994; ROSA; BARROS, 1999).

Sementes de espinheira-santa armazenadas em câmara fria (5 °C e 85% de UR), câmara seca (15 °C e 45% UR) e em ambiente de laboratório

apresentaram ao final de 120 dias, um poder germinativo de 85%, 66% e 28% respectivamente (TAYLOR-ROSA et al., 1995).

## Produção de Mudanças

**Semeadura:** recomenda-se proceder a semeadura em sacos de polietileno ou em tubetes de polipropileno de 120 cm<sup>3</sup>. Quando necessária, a repicagem deve ser efetuada quando as plântulas apresentarem 4 a 5 folhas.

**Germinação:** é epígea ou fanerocotiledonar. As sementes escuras têm índice de germinação de 82%, e as enrugadas, de 63%. As sementes claras não germinam (ARAUJO et al., 1996). Segundo Magalhães et al. (1992), o percentual de germinação de sementes dessa espécie atingiu 70% a 80% quando foram postas a germinar logo após a coleta e remoção do arilo. As mudas atingem 25 cm de altura, a partir de 9 meses após a semeadura.

**Propagação vegetativa:** a partir de segmentos nodais e apicais, provenientes de plantas jovens, Pereira (1993) e Flores et al., (1995) conseguiram os melhores resultados obtidos após 20 dias, indicando que a melhor combinação dos reguladores de crescimento para a emissão de folhas foi 0,1 mg/L de ANA e 2,0 mg/L de BAP, a partir de segmentos apicais. Segundo os mesmos autores, as menores taxas de oxidação foram conseguidas com 0,05% a 2,0% de ácido ascórbico. Finardi; Pescador (1998), utilizando folhas e caules como fontes de explantes, conseguiram bons resultados utilizando o meio de cultura MC23 (1 mL/L de BAP, 1 mg/L de 2,4-D e 1,5 mg/L de Kin).

**Cuidados especiais:** Martins et al. (2004) recomendam utilizar adubação orgânica (25% do volume de solo) ou química (4 kg/m<sup>3</sup> de NPK formulado 4:14:8), nos sacos de polietileno ou quando em tubete, aplicar 150 g de adubo comercial de liberação lenta para cada saco de 25 kg de substrato.

**Outras características:** Magalhães et al. (1991) desenvolveram a técnica de cultivo da espinheira-santa em larga escala na Região de Campinas, SP, a partir de mudas retiradas das florestas de ocorrência, obtendo o estabelecimento de 100% das plantas.

## Características Silviculturais

A espinheira-santa é uma espécie que pode ocorrer tanto com iluminação direta como sob cobertura, sendo encontrada na terceira e na quarta fases de sucessão (SOUSA et al., 2000). Essa espécie tolera baixas temperaturas.

**Hábito:** *Maytenus ilicifolia* é uma espécie sem dominância apical definida e com ramificação

desde a base. Apresenta desrama natural fraca, devendo sofrer podas frequentes de condução e dos galhos.

**Métodos de regeneração:** recomenda-se plantio consorciado, conforme exemplo bem-sucedido no Estado de São Paulo, com embaúba (*Cecropia glaziovii*). Nesse consórcio, embora intercaladas com embaúbas jovens, as plantas de espinheira-santa receberam aproximadamente a mesma radiação, como se estivessem a pleno sol (MAGALHÃES et al., 1992). Rachwal et al. (1998) recomendam plantio em linha em Floresta Secundária, no estágio de capoeirão.

## Conservação de Recursos Genéticos e Melhoramento

A crescente demanda por folhas de *Maytenus ilicifolia* tem promovido colheitas drásticas e empíricas, que diante da recuperação normalmente lenta da espécie representa uma situação crítica rumo à sua extinção.

Essa espécie encontra-se em situação vulnerável no Rio Grande do Sul, ameaçada pelo extrativismo descontrolado, tornando-se necessários programas de esclarecimento e conscientização de manejo e de conservação (FLORES et al., 1995; DODE et al., 2002).

No Paraná, ela está presente na lista vermelha de plantas ameaçadas de extinção, categoria rara (PARANÁ, 1995).

Perecin (2000) e Scheffler (2001), estudando populações naturais dessa espécie, concluíram que a maior parte da variação genética concentra-se dentro das populações.

## Crescimento e Produção

O crescimento da espinheira-santa é lento (Tabela 22). Contudo, o principal objetivo dessa espécie é a produção de folhas. Em Campinas, SP, num espaçamento de 3 x 1 m, árvores de 4 anos produziram o equivalente a 670 kg de folhas secas/ha/ano, coletando-se aproximadamente um terço das folhas no início da primavera (MAGALHÃES, 1997).

## Características da Madeira

**Massa específica aparente (densidade):** a madeira da espinheira-santa é moderadamente densa (0,70 g.cm<sup>-3</sup>), a 15% de umidade (LORENZI, 1998).

**Cor:** o alburno e o cerne são pouco diferenciados, de coloração esbranquiçada.



**Tabela 22.** Crescimento de *Maytenus ilicifolia*, em plantios, no Paraná.

Local	Idade (anos)	Espaçamento (m x m)	Plantas vivas (%)	Altura média (m)	DAP médio (cm)	Classe de solo (a)
Colombo <sup>(1)</sup>	10	3 X 2	40,0	2,00	...	CHa
Foz do Iguaçu <sup>(2)</sup>	4	4 X 3	86,6	2,25	1,7	LVdf
Rolândia <sup>(3)</sup>	4	5 X 5	100,0	2,78	1,9	LVdf

(a) CHa = Cambissolo Húmico Aluminico; LVdf = Latossolo Vermelho distroférrico.

(...) Dado desconhecido, apesar de o fenômeno existir.

Fonte: <sup>(1)</sup> Embrapa Florestas.

<sup>(2)</sup> Embrapa Florestas / Itaipu Binacional.

<sup>(3)</sup> Embrapa Florestas / Fazenda Bimini.

**Outras características:** essa madeira apresenta média resistência mecânica, baixa durabilidade, textura média e grã reversa.

## Produtos e Utilizações

**Madeira serrada e roliça:** pelas pequenas dimensões disponíveis, a madeira da espinheira-santa apresenta pouco valor comercial.

**Energia:** a madeira dessa espécie é indicada, principalmente, para lenha e carvão. Contudo, há restrições a esses usos, devido à pequena dimensão.

**Celulose e papel:** *Maytenus ilicifolia* é inadequada para esse uso.

**Constituintes fitoquímicos:** destacam-se terpenos (maitensina entre outros), taninos, flavonóides, mucilagens, antocianos e açúcares (TESKE; TRENTINI, 1997; FINARDI; PESCADOR, 1998; RADOMSKI, 1998). Ashmed et al. (1981) isolaram e quantificaram os maytansinoides de *M. ilicifolia*, citando o uso medicinal como regulador da fertilidade, anticoncepcional e antitumoral.

**Medicinal:** em 1922, a espinheira-santa tornou-se conhecida no mundo médico, quando o professor Aluizio Franca, da Faculdade de Medicina do Paraná, relatou o sucesso obtido com ela no tratamento da úlcera gástrica (STELFELD, 1934; BERNARDI; WASICKY, 1959; TESKE; TRENTINI, 1997).

Contudo, muito antes dessa constatação, a planta já era usada na medicina popular, por suas propriedades curativas e não só no combate aos males do aparelho digestivo. No Paraná e em Santa Catarina, os índios de várias etnias usavam as folhas, a casca do caule e a raiz da espinheira-santa no tratamento de doenças do trato urinário, câncer de pele, doenças relacionadas ao ciclo menstrual (amenorréia e dismenorréia), diarreia (com cólicas intestinais e melenas) e em lavagens de ferimentos e ulcerações, graça ao feito cicatrizante e antiinflamatório dessa planta (MARQUESINI, 1995).

No Paraguai, a população rural usava a espinheira-santa como anticoncepcional, e na Argentina, como antiasmática e anti-séptica. O extrato das folhas dessa espécie apresentam princípios ativos e propriedades terapêuticas cientificamente comprovados pela medicina herbalística do Brasil e dos Estados Unidos (TAYLOR, 1998), que confirmou o que já sabiam as populações do Sul do Brasil (ERVAS E TEMPEROS, 1991).

No Rio Grande do Sul, por exemplo, essa planta é misturada ao chimarrão, para aliviar gastrite, azia e úlcera gástrica ou duodenal (SIMÕES et al., 1998). Hoje, sabe-se que tem poderoso efeito contra a hiperacidez do trato digestivo, ulcerações estomacais e úlceras agudas.

Nos Estados Unidos, o extrato de suas folhas vem sendo empregado no tratamento de úlceras, para recomposição da flora intestinal e na inibição de bactérias patogênicas, como laxante, para eliminar toxinas através dos rins e da pele, para regular a produção do ácido clorídrico do estômago e no combate a vários outros males (TAYLOR, 1998; LORENZI; MATOS, 2002).

Essa espécie tem ação tonificante, antiúlcera, carminativa, cicatrizante, anti-séptica, levemente diurética e laxativa, auxiliando, também, na eliminação de gases intestinais. Carlini (1988) comprovou a ação antiúlcera gástrica da espinheira-santa, comparando-a à droga cimetidina, considerada de alta eficiência terapêutica. Entre as principais propriedades farmacológicas, destacam-se (TESKE; TRENTINI, 1997):

- Sua propriedade tonificante se deve à reintegração das funções estomacais por ela promovidas.
- Seu potente efeito antiúlcera resulta, provavelmente, da ação dos taninos presentes. Essa ação ocorre, principalmente, pelo aumento do volume e pH do conteúdo gástrico. Tem ainda poder cicatrizante sobre a lesão ulcerosa.
- Por sua ação anti-séptica, paralisa, rapidamente, as fermentações gastrintestinais. Certas hepatopatias têm como causa perturbações intestinais, que podem ser combatidas com a

espinheira-santa, que age corrigindo o funcionamento intestinal.

- Nas gastralgias, acalma rapidamente as dores, não diminuindo a sensibilidade do órgão, mas estimulando ou corrigindo a função desviada.

Como uso fitoterápico: infusão das folhas (20 g de folhas em 1 L de água). Tomar 3 a 4 xícaras ao dia. Pó: 400 mg de pó, 1 a 2 vezes ao dia.

Convém salientar que além da obtenção da espinheira-santa em supermercados e em farmácias e lojas especializadas, essa espécie é adquirida, também, diretamente dos ervateiros (SCHEFFER; CORRÊA JÚNIOR, 1997). É cultivada nos quintais de Santo Antônio do Leverger, MT (AMOROZO, 2002).

**Paisagístico:** apesar do crescimento lento, a espinheira-santa apresenta qualidades ornamentais, podendo ser empregada, com sucesso, na arborização urbana, principalmente em ruas estreitas e sob redes elétricas (LORENZI, 1998).

**Plantios em recuperação e restauração ambiental:** essa espécie é muito importante para restauração de ambientes ripários e de ecossistemas degradados

## Espécies Afins

O gênero *Maytenus* Molina é constituído por 225 espécies, distribuídas principalmente na América Tropical e Subtropical, com algumas espécies no Pacífico Sul, na Ásia, na Malásia e na África. No Brasil, está representado por 77 espécies e 14

variedades.

*Maytenus ilicifolia* é facilmente distinguível das demais espécies da seção *Oxyphylla*, por seus ramos angulosos tetra ou multicarenados e seus frutos orbiculares de coloração vermelho-alaranjada (CARVALHO-OKANO, 1992). Contudo, é freqüentemente confundida e identificada como *M. aquifolia*, espécie-tipo da seção, cujo nome comum também é espinheira-santa. Apesar de serem espécies taxonomicamente bem definidas pela forma de seus ramos, há uma grande similaridade entre suas folhas e flores.

Na Floresta Ombrófila Mista (Floresta de Araucária), há duas outras espécies simpátricas de ocorrência comum: *Maytenus aquifolium* e *Sorocea bonplandii*, uma Sapotaceae. Essas espécies, também chamadas de espinheira-santa, se diferenciam de *M. ilicifolia* por:

- *Maytenus aquifolium* – Apresenta folhas maiores, com nervuras não muito proeminentes.
- *Sorocea bonplandii* – Separa-se facilmente das espécies de *Maytenus* pela exsudação de látex.

Outra espécie muito importante é *Maytenus rigida*, com ocorrência na Região Nordeste, conhecida por 'bom-nome' e com uso comum na medicina popular, com os mesmos usos de *M. ilicifolia*.



**Embrapa**

---

**Florestas**

**Referências Bibliográficas**

**clique aqui**